



Objetos e instrumentos do Maracatu Elefante, no Museu do Homem do Nordeste

# Raul Lody e a preservação do acervo afro-brasileiro

Autor de 23 livros, dentre os quais um de título bastante sugestivo - *Santo Também Come*, lançamento da Editora Massangana, em 79 -, de importante estudo sobre as cores e seu significado nas cerimônias dos cultos afro-brasileiros e de um documentário sobre o pano-da-costa, filmado na Bahia, o etnógrafo Raul Lody, coordenador de projetos afro-brasileiros da Funarte, está realizando o inventário e o estudo da coleção afro-brasileira que compõe parte do acervo do Museu do Homem do Nordeste.

Ele dividiu seu trabalho em três módulos, sendo o principal o estudo das peças do Maracatu Elefante, conhecido como Maracatu de D. Santa, anotando as cores utilizadas na confecção de indumentárias e estandartes e sua influência sobre os componentes do grupo.

Posteriormente, esse estudo será frumado em um catálogo, que servirá de orientação aos estudiosos desse tipo de manifestação cultural e até mesmo para aqueles que buscam essa fonte de conhecimentos novos later.

## ESTUDO

**DP** - Além desse curso que você está ministrando na Fundação Joaquim Nabuco para museólogos, que outro trabalho você vem realizando?

**RL** - Bem, aproveitando o tempo que eu estou aqui no Recife a convite da Fundação, estou dividindo o meu tempo, no período da manhã trabalhando com a coleção afro-brasileira que compõe o acervo do Museu do Homem do Nordeste, que é dividido em três módulos: o primeiro módulo são os objetos avulsos recolhidos em terrenos no início da década de 70 e de alguns instrumentos musicais, objetos esses que fazem parte do acervo da exposição de Antropologia; o segundo módulo que são as roupas de divindades afro-brasileiras, das caixas, trabalho de Manoel Costa, "panco" habituais da cidade de Recife. Este módulo eu não vou trabalhar visto que a pessoa que organizou esta coleção está no Recife e ela vai participar dando as explicações necessárias. E o terceiro módulo é o Maracatu Elefante, de Dona Santa, que é um dos maiores acervos de cultura etnográfica do Recife que eu es-

tei estudando também. Então eu estou estudando os dois módulos: o primeiro dos objetos avulsos e dos instrumentos musicais retirados dos seus espaços, quer dizer, dos seus lugares, isso na década de 70 e também o maracatu de Dona Santa com o acervo dos instrumentos musicais, as roupas, as calças, estandartes, troféus, coroas e demais peças. Com o falecimento da rainha desse maracatu, de D. Santa, na década de 70, essas peças foram salvas, vamos dizer assim, pelo museólogo Assis Oliveira que me trouxe para o então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

**DP** - O que é que você diz desse acervo do maracatu de Dona Santa?

**RL** - É um material precioso, um material da maior importância para a cultura afro-brasileira e em especial para a cidade do Recife, visto que é um maracatu do Recife, um maracatu de sangue virado, um maracatu tradicional, também um chamado de nascido, de origem africana, marcando estes que já datavam das cidades do Recife e de Olinda (já neste grupo, mas outros grupos) desde 1643, aliadas as peças de Nossa Senhora do Rosário. Então são manifestações que estão na história das cidades de Recife e Olinda há mais de três séculos.

**DP** - Quando morre a rainha, o maracatu se extingue como nação?

**RL** - Nem sempre. No caso do Maracatu Elefante sim, mas em outros grupos não há uma substituição da rainha. Isto varia de acordo com grupos de rainhas papais e outros em que as rainhas são eleitas normalmente.

**DP** - O estudo desse material está levando a que?

**RL** - A importante guia de trabalho. Este é um trabalho dentro de um grande que eu estou desenvolvendo, obtendo sei coleções. Como esta é a minha especialidade, eu estou sendo chamado como consultor por algumas instituições, e já realizei alguns trabalhos típicos. Por exemplo, nos anos de 1982 e 1983 trabalhei a coleção de arte africana do Museu de Belas Artes, situado no Rio de Janeiro, comportando 100 peças africanas. Fizemos todo o estudo do material, sua classificação, e resultou na edição de um livro catálogo da mostra do material. Na mesma ocasião, eu estudei



Lody: tentando difundir os estudos etnográficos

com um grupo a coleção do sangue pernambucano, acervo do Museu do Estado de Pernambuco, comportando mais de 300 peças resultando também na edição de um livro catálogo da exposição dessas peças. O mesmo com o material do Museu do Homem do Nordeste que se estenderá durante todo o ano de 1984, com os mesmos objetivos.

**DP** - Como é que você faz a descrição do estandarte de Dona Santa nessas suas antologias?

**RL** - Eu me preocupo com três coisas: primeiro, o estudo dos materiais empregados na confecção do objeto; segundo, as técnicas utilizadas para a transformação e adorno desse material; e terceiro, com as cores, com os materiais, como estas escelas, como os desenhos das exposições, dos objetos, dos símbolos dos estandartes, que no caso vai assumir um significado, vai pesquisar uma marca do grupo que no caso é o maracatu. Então é um trabalho de decodifi-

cação simbólica do objeto de uma maneira ampla e aprofundando questões sobre as técnicas artesanais empregadas para fazer os objetos e o estudo dos materiais.

**DP** - Que material então foi utilizado na confecção desse estandarte?

**RL** - Cotim, lá, galão dourado, fâmulas douradas, um pouco de feltro, a técnica de bordado e a técnica de costura, a técnica de aplicação. É um estandarte que também marca pelo seu significado de cores, por exemplo, predominando o vermelho, cor esta que tem uma marca muito grande no próprio conjunto das peças do maracatu, das próprias indumentárias, nas coroas que puxam as animas totêmicas do grupo, nesse caso são um elefante e uma onça, e com as cores vermelho e branco, porque são as cores do sangue. Porque, na realidade, esses grupos, no caso o maracatu de Dona Santa, são intimamente relacionados com a organização ritual do sangue. Então a diversificação da cor e algo da maior importância para o entendimento do sentido ritualístico do grupo.

**DP** - Qual a importância desses estudos etnográficos para a memória nacional?

**RL** - Esses trabalhos buscam a mais completa visão sobre os objetos: sua preservação e documentação. Então, a memória de objetos, de documentos, documentos de uma forma abrangente. E todas estas pesquisas, todas essas pesquisas buscam justamente isso: preservar, estudar e difundir. Uma outra etapa que eu considero de maior importância é a difusão, o retorno, e a volta das coisas. No âmbito dos indivíduos, uma das funções é esta: salvaguardar, preservar, documentar, estudar esse material e a partir dela significar a memória do homem brasileiro que vai assumir sua especificidade dos acervos um maior conteúdo regional.

**DP** - A história oral ajuda no seu trabalho?

**RL** - Em certos casos, sim. Eu sempre me preocupo em ler os documentos formais, algumas fichas, livros, folders, consultas a pessoas envolvidas com o assunto. A história oral realmente tem todo um conteúdo social, um conteúdo econômico, um conteúdo ético, um conteúdo moral.



Objetos e instrumentos do Maracatu Elefante, no Museu do Homem do Nordeste

## Raul Lody e a preservação do acervo afro-brasileiro

Autor de 23 livros, dentre os quais um de título bastante sugestivo - Santo Também Come, lançamento da Editora Massangana, em 79 - de importante estudo sobre as cores e seu significado nas cerimônias dos cultos afro-brasileiros e de um documentário sobre o pano-da-costa, filmado na Bahia, o etnógrafo Raul Lody, coordenador de projetos afro-brasileiros da Funarte, está realizando o levantamento e o estudo da coleção afro-brasileira que compõe parte do acervo do Museu do Homem do Nordeste.

Ele dividiu seu trabalho em três módulos, sendo o principal o estudo das peças do Maracatu Elefante, conhecido como Maracatu de D. Santa, anotando as cores utilizadas na confecção de indumentárias e estandarte e sua influência sobre os componentes do grupo.

Posteriormente, esse estudo será transformado em catálogo, que servirá de orientação aos estudiosos desse tipo de manifestação cultural e até mesmo para aqueles que buscam essa fonte de conhecimentos como lazer.

### ESTUDO

DP - Além desse curso que você está ministrando na Fundação Joaquim Nabuco para museólogos, que outro trabalho você vem realizando?

RL - Bem, aproveitando o tempo que eu estou aqui no Recife a convite da Fundação, estou dividindo o meu tempo, no período da manhã trabalhando com a coleção afro-brasileira que compõe o acervo do Museu do Homem do Nordeste, que é dividido em três módulos: o primeiro módulo são de objetos usuais recolhidos em terreiros no início da década de 70 e de alguns instrumentos musicais, objetos esses que fazem parte do acervo da exposição de Antropologia; o segundo módulo que são as roupas de divindades afro-brasileiras, dos orixás, trabalho de Manoel Costa, "papai" babalorixá da cidade de Recife. Este módulo eu não vou trabalhar visto que a pessoa que organizou esta coleção está no Recife e ele vai participar dando os subsídios necessários. E o terceiro módulo é o Maracatu Elefante, de Dona Santa, que é um dos melhores acervos de cultura etnográfica do Recife que eu es-

tuou estudando também. Então eu estou estudando os dois módulos: o primeiro dos objetos usuais e dos instrumentos musicais retirados dos seus espaços, quer dizer, dos seus lugares, isso na década de 70 e também o maracatu de Dona Santa com o acervo dos instrumentos musicais, as roupas, as calças, estandartes, troféus, coroas e demais peças. Com o falecimento da rainha desse maracatu, de D. Santa, na década de 70, essas peças foram salvas, vamos dizer assim, pelo museólogo Acácio Oliveira que as trouxe para o então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

DP - O que é que você diz desse acervo do maracatu de Dona Santa?

RL - É um material precioso, um material da maior representação para a cultura afro-brasileira e em especial para a cidade do Recife, visto que é um maracatu do Recife, um maracatu de baque virado, um maracatu tradicional, também um chamado de nação, de origem africana, maracatus estes que já datavam das cidades do Recife e de Olinda (não este grupo, mas outros grupos) desde 1643, aliados às peças de Nossa Senhora do Rosário. Então são manifestações que estão na história das cidades de Recife e Olinda há mais de três séculos.

DP - Quando morre a rainha, o maracatu se extingue como nação?

RL - Nem sempre. No caso do Maracatu Elefante sim, mas em outros grupos não há uma substituição da rainha. Isto varia de acordo com grupos de rainhas perpétuas e outros em que as rainhas são eleitas normalmente.

DP - O estudo desse material está levando a quê?

RL - A importante guia de trabalho. Este é um trabalho dentro de um grande que eu já estou desenvolvendo, obtendo sob coleções. Como esta é a minha especialidade, eu estou sendo chamado como consultor por algumas instituições, e já realizamos alguns trabalhos típicos. Por exemplo, nos anos de 1982 e 1983 trabalhei a coleção de arte africana do Museu de Belas Artes, sediada no Rio de Janeiro, comportando 103 peças africanas. Fizemos todo o estudo do material, sua classificação, e resultou na edição de um livro catálogo da mostra do material. Na mesma ocasião, eu estudei



Lody: tentando difundir os estudos etnográficos

com um grupo a coleção do xangô pernambucano, acervo do Museu do Estado de Pernambuco, comportando mais de 300 peças resultando também na edição de um livro catálogo da exposição dessas peças. O mesmo com o material do Museu do Homem do Nordeste com essa coleção, estou iniciando trabalho que se estenderá durante todo o ano de 1984, com os mesmos objetivos.

DP - Como é que você faz a descrição do estandarte de Dona Santa nessas suas anotações?

RL - Eu me preocupo com três coisas: primeiro, o estudo dos materiais empregados na confecção do objeto; segundo, as técnicas utilizadas para a transformação e adequação desses materiais; e terceiro, com as cores, com os materiais, como estas escolhas, como os desenhos das exposições, dos objetos, dos símbolos dos estandartes, do caso vai assumir um significado, vai pesquisar uma marca do grupo que no caso é o maracatu. Então é um trabalho de decodifi-

cação simbólica do objeto de uma maneira ampla e aprofundando questões sobre as técnicas artesanais empregadas para fazer os objetos e o estudo dos materiais.

DP - Que material então foi utilizado na confecção desse estandarte?

RL - Cetim, lã, galão dourado, fâmulas douradas, um pouco de feltro, a técnica de bordado e a técnica de costura, a técnica de aplicação. É um estandarte que também marca pelo seu significado de cores, por exemplo, predominando o vermelho, cor esta que tem uma marca muito grande no próprio conjunto das peças do maracatu, das próprias indumentárias, nas carroças que puxam os animais totêmicos do grupo, nesse caso são um elefante e uma onça, e com as cores vermelho e branco, porque são as cores do xangô. Porque, na realidade desses grupos, no caso o maracatu de Dona Santa, são intimamente relacionados com a organização ritual do xangô. Então a diversificação da cor é algo da maior importância para o entendimento do sentido ritualístico do grupo.

DP - Qual a importância desses estudos etnográficos para a memória nacional?

RL - Esses trabalhos buscam a mais completa visão sobre os objetos: sua preservação e documentação. Enfim, a memória de objetos, de documentos, documentos de uma forma abrangente. E todas estas investidas, todos esses trabalhos buscam justamente isso: preservar, estudar e difundir. Uma outra etapa que eu considero da maior importância é a difusão, o retorno, é a volta dos estudos. No âmbito dos museus uma das funções é esta: salvaguardar, preservar, documentar, estudar esse material e a parcela significativa da memória do homem brasileiro que vai assumir nas especificidades dos acervos um maior conteúdo regional.

DP - A história oral ajuda no seu trabalho?

RL - Em certos casos, sim. Eu sempre me preocupo em ler os documentos formais, algumas fichas, livros, folders, consultas e pessoas envolvidas com o assunto. A história oral realmente tem todo um conteúdo social, um pouquinho econômico, um pouquinho ético, um pouquinho moral.



*Dona Santa*

## *Dona Santa além mar*

**S**anta do Maracatu, de Fernando Spencer, documentário premiado (melhor filme e melhor roteiro) em 1981 no IX Festival Nacional de Cinema de Sergipe, está sendo exibido em Portugal.

Reação do diretor: "Para um cineasta do Nordeste, região desprotegida de tudo, a exibição do meu filme na Europa é motivo de grande alegria. A inesquecível figura de dona Santa, rainha maior de todos os maracatus, tem assim uma homenagem num país de além mar".

Diário de Pernambuco - 07/05/1984: Acervo cultural dos negros será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO **VIVER** Burlas Cinema Feminino TV

Recife, segunda-feira, 7 de maio de 1984 Seção B, Página Um

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

# Acervo cultural dos negros será pesquisado aqui em Pernambuco

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Objeto de estudo que faz parte do acervo pesquisado

Silvio Ferreira, pintor social, à direita do Centro de Estudos Afro-Brasileiros

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

**PROPOSTA**

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

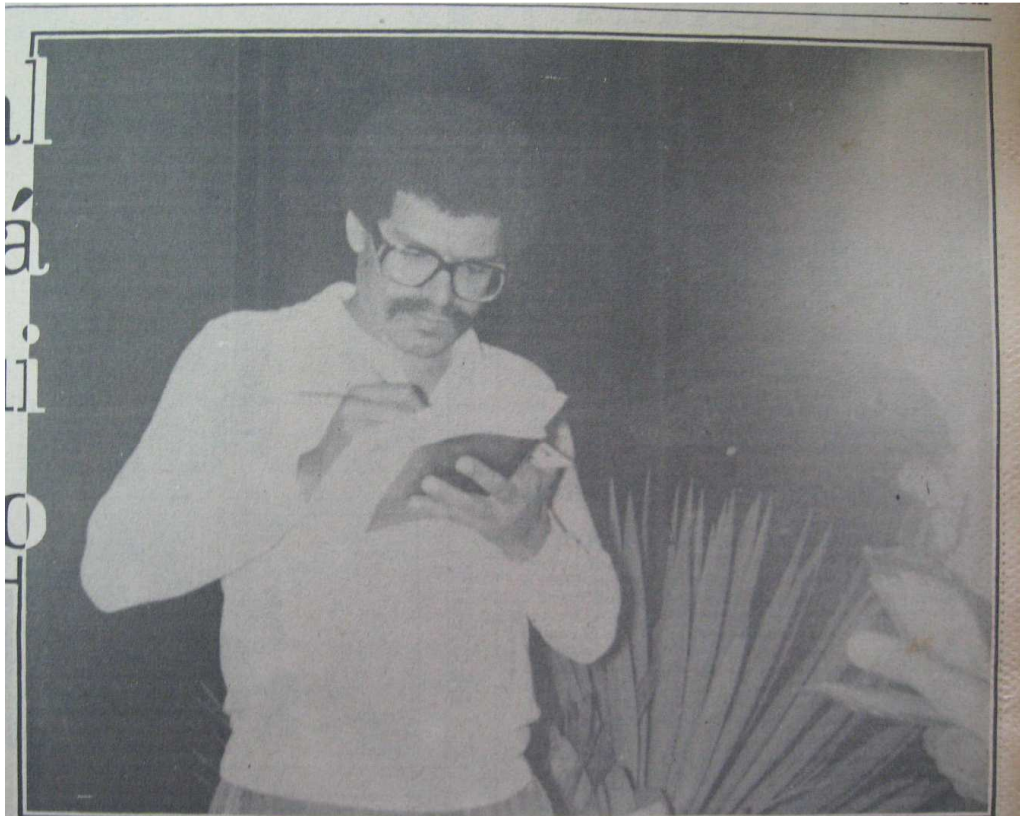
Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

Um projeto que tem por objetivo reunir o acervo cultural dos negros em Pernambuco, será pesquisado aqui em Pernambuco, p. b1.

## Meteorito causou a extinção de animais

Um meteorito que causou "um momento" mais tarde de uma extinção de animais que teria sido causada por um meteorito em 20 milhões de anos. O meteorito causou a extinção de animais que teria sido causada por um meteorito em 20 milhões de anos.

Um meteorito que causou "um momento" mais tarde de uma extinção de animais que teria sido causada por um meteorito em 20 milhões de anos. O meteorito causou a extinção de animais que teria sido causada por um meteorito em 20 milhões de anos.



Sílvia Ferreira, psicólogo social, é o diretor do Centro de Estudos Afro-Brasileiros

Por ter sido um dos primeiros centros de colonização portuguesa no Brasil e uma das províncias que mais recorreram à mão-de-obra escrava africana, Pernambuco possui um dos mais ricos acervos culturais legados pela raça negra ao País.

Detentora de uma tradição de estudos e pesquisas voltados para os assuntos relacionados à formação da sociedade brasileira, tradição iniciada por Gilberto Freyre a que se juntaram nomes expressivos como Ulisses Pernambucano, René Ribeiro, Waldemar Valente e Roberto Motta, a Fundação Joaquim Nabuco criou recentemente o Centro de Estudos Afro-Brasileiros. O Centro, sob a direção do psicólogo Sílvio Ferreira, tem como uma das preocupações básicas o estudo, intercâmbio e pesquisa ligados à temática afro-brasileira, procurando levantar e especificar os traços culturais africanos em toda a sua amplitude. Para tanto, se propõe a desenvolver estudos e pesquisas quer de caráter histórico, político, lingüístico, quer de caráter ecológico, folclórico ou cultural.

No momento, o Centro está realizando uma pesquisa de caráter histórico-antropológico que tem como tema "Política e Religião no Brasil: as seitas africanas e o Estado Novo de Vargas - a repressão aos cultos afro-brasileiros no Estado de Pernambuco (1937/1945)". O objetivo dessa pesquisa, segundo Sílvio Ferreira, é esclarecer um dos períodos mais obscuros e dramáticos da história político-social e religiosa de Pernambuco, de caráter organizado e sistemático, que se iniciou com uma portaria baixada pelo secretário de Segurança Pública em 25/01/83, proibindo o funcionamento das seitas africanas em todo o Estado.

Este trabalho conta com o apoio da Fundação Ford e tem prazo de conclusão previsto para 1º de julho. Também está programado para este ano um evento comemorativo do I Congresso Afro-Brasileiro de 34, portanto, há 50 anos, e que teve em Gilberto Freyre e Ulisses Pernambucano seus principais idealizadores.

Para o segundo semestre deste ano está programada uma pesquisa que deverá envolver a participação de estudiosos da temática afro-brasileira e que terá como tema "A Identidade do Negro no Nordeste".

## PESQUISA

**DP - O Centro objetiva realizar estudos só de caráter científico ou tem também um desenvolvimento político?**

**SF -** O objetivo principal do Centro é chamar atenção para a temática afro-brasileira do ponto de vista da análise e da investigação acadêmica. Juntamente a esse objetivo a gente pode dizer que o Centro se propõe a estimular os estudos e evidentemente pesquisas nessa área em particular e promover e divulgar a contribuição africana na formação do "ethos" cultural brasileiro.

**DP - O trabalho do Centro tem encontrado obstáculos da parte dos movimentos negros existentes em Pernambuco?**

**SF -** Não, pelo contrário. Pelo menos um dos grupos que buscam se organizar visando discutir problemas ligados à presença e à participação do negro na sociedade brasileira, tem incentivado de forma até mesmo próxima, dando sugestões, opinando ou mantendo um contato efetivo com o Centro de Estudos e Cultura da Raça Negra.

**DP - Vocês já iniciaram alguma pesquisa ou só têm projeto até agora?**

**SF -** No momento, o Centro vem desenvolvendo uma pesquisa que acredito dará uma contribuição muito grande a um dos aspectos mais obscuros da história brasileira do ponto-de-vista político ou religioso. Trata-se da pesquisa "Política e Religião no Brasil, as Seitas Africanas, o Estado Novo de Vargas", fixando-se na repressão movida aos cultos afro-brasileiros em nosso Estado, de 1937 a 1945. Um dos objetivos dessa pesquisa é esclarecer o



Objeto de culto que faz parte do acervo pesquisado



obscurantismo da repressão aos cultos afro-brasileiros durante o Estado Novo de Vargas aqui em Pernambuco, repressão esta que foi cruel, atroz, violenta e até mesmo absurda. Dessa perseguição constatamos até o momento que inúmeros objetos de cultos foram queimados em incineradores da Prefeitura do Recife na Rua do Pombal. Os santos e objetos de cultos eram apreendidos, os terreiros foram proibidos de funcionar, presos os pais e as mães-de-santo. Desenvolvemos esta pesquisa em vários planos. Tenho consultado a coleção de jornais pertencentes ao Arquivo Público Estadual, entrevistando pessoas ligadas aos cultos afro-brasileiros remanescentes que foram perseguidas, tenho entrevistado os familiares de pessoas perseguidas, políticos, jornalistas, intelectuais.

**DP - A perseguição aos cultos em Pernambuco para na época do Estado Novo?**

**SF -** Quando o Estado Novo surgiu, em novembro de 37, em janeiro de 38 o secretário de Segurança Pública da época, Etelvino Lins, baixou portaria proibindo as seitas africanas de funcionarem. Então aí tem uma história: as

seitas africanas, anteriormente ao Estado Novo, para funcionar, necessitavam de uma espécie de exame de sanidade mental dos pais e mães-de-santo dado pela Divisão de Higiene Mental do Hospital da Tamarineira. De posse desse exame, eles iam à Secretaria de Segurança Pública, onde, no Setor de Diversões, obtinham o registro para funcionamento da casa. Com a proibição formal e institucional - coisa que não aconteceu em nenhum Estado, embora houvesse uma certa restrição no Rio de Janeiro e na Bahia -, rompe-se o elo entre esses cultos e a política, mimetizado pela Divisão de Higiene Mental da Tamarineira. E o espiritismo kardecista, que antes funcionava normalmente sem nenhum registro policial, com o Estado Novo passa a funcionar com autorização policial. Então há o cerceamento da liberdade de expressão religiosa que atingiu diretamente as seitas africanas e parcialmente os centros espíritas.

**DP - Quanto tempo durou essa repressão?**

**SF -** No caso das seitas africanas de 37, e mesmo depois da redemocratização em 1945,

## Brasileiros

elas ainda continuaram formalmente proibidas até 46. Em 47, os cultos voltaram a funcionar normalmente quando houve um toque na casa de uma mãe-de-santo que faleceu o ano passado, d. Lídia Alves dos Santos, na Rua da Regeneração, em Água Fria, chamado o Toque da Reabertura. Interessante, em termos de depoimento com pessoas que foram perseguidas, que para o culto poder funcionar elas enterravam os objetos dentro de casa, no quintal, para a polícia não apreendê-los quando dava "batidas" e vasculhava tudo, inclusive embaixo de camas. Muitas dessas pessoas chegaram até a perder suas imagens porque enterravam no quintal enroladas em papel e depois não sabiam onde é que se encontravam.

**DP - Que destino tomaram os objetos apreendidos pela Polícia?**

**SF -** Todos esses objetos que estão no Museu do Estado agora em exposição permanente dos cultos afro-brasileiros foram apreendidos pela Polícia no Estado Novo.

**DP - E depois oferecidos ao Museu?**

**SF -** Sim. O Museu do Estado, que antes funcionava no Palácio da Justiça, passou para a Av. Rui Barbosa em 40, enquanto a perseguição foi iniciada em 37. Então a polícia apreendia as peças e as estocava no depósito. Porém, a quantidade de objetos era muito grande e podiam ter três destinos: 1º enviados para o forno incineratório da rua do Pombal para serem queimados; 2º oferecidas para o acervo do Museu.

**DP - E a terceira destinação, qual era então?**

**SF -** Aconteceu também que em 1938 aqui passou uma equipe de pesquisadores coordenada por Ulisses Saia, do Centro de Estudos Folclóricos da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, que veio coordenando a pesquisa no Norte-Nordeste sobre a influência africana, costumes e folclore em geral. Então essa equipe, quando aqui chegou, encontrando os cultos proibidos de funcionar, interessada em coletar material para a pesquisa, obteve da Secretaria de Segurança Pública parte do material que se encontrava lá no depósito. Este é o 3º destino do material, que hoje está no Centro de Cultura de São Paulo, em Verqueiro. Eles têm lá seção de discografia, 14 elepés gravados com músicas dos terreiros daqui do Recife. A época, como estavam proibidos de funcionar, eles obtiveram autorização especial para fazer gravações e entrevistas com o pessoal do terreiro no Teatro Santa Isabel.

**DP - O Centro também pretende estudar outros aspectos da vida do negro, por exemplo, o problema do racismo, do mercado de trabalho e outros?**

**SF -** Vamos, sim. Assim que terminar essa pesquisa de imediato iniciaremos outra cuja temática geral é "A Identidade do Negro no Nordeste". Então aí nós iremos congregamos historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos, filólogos para na área de especialidade elaborar um projeto pesquisa coordenado pelo Centro. A proposta do Centro é ser o mais aberto possível, não ficar somente na pesquisa antropológica, histórica.

Seção B, Página Um

# Abibiman: os negros fazem teatro

Valdi Coutinho



**O "Abibiman" desenvolve uma linguagem teatral em cima de um valor cultural que existe dentro da própria cultura do povo negro**

Na negra brasileira, através de suas lideranças, está utilizando todos os meios ao seu alcance, nos últimos anos, para estudar, discutir e ampliar a questão racial. Agora, buscando através do teatro outro veículo de fundamental importância nesta luta e neste movimento, os resultados já se manifestam bem, especialmente na realização do primeiro espetáculo, intitulado "Consciência Negra", apresentado em vários locais do Recife, e que resultou, mais recentemente, na criação de um grupo teatral chamado "Abibiman", que em sua primeira apresentação, "Povo negro", que já continuará a este processo, com novo trabalho, apresentado da Abolição, texto de Luiz Augusto de Moraes, dirigido de Eduardo Gomes.

"Negro contando sua própria história", com essa ideia, os meios de comunicação do Estado - televisão, rádio e jornais - divulgavam, em outubro de 1983, o lançamento para negros que quiseram fazer teatro mesmo que não tivessem experiência de palco. O propósito era reunir o maior número de negros possível que eles pudessem contar sua própria história.

Em 26 de outubro, na Casa da Cultura, iniciou-se o trabalho. Ao todo foram 100 negros inscritos na primeira etapa: domésticos, manicureiros, marceneiros, comerciantes, estudantes, funcionários públicos, militantes, enfermeiros, advogados e desempregados. Na sua maioria, os inscritos desconheciam quem fora Zumbi e o que representava o dia 20 de novembro, o que caracterizava uma alienação por parte do grupo, mas sim uma falta de acesso à informação. Porém, mesmo assim, todos eram negros conscientes da discriminação que sofriam e da necessidade de lutar e ser exaltado.

O primeiro trabalho foi "Consciência Negra", um roteiro escrito por Luiz Augusto Moraes e Wanda Chaves, que incluía cenas e músicas de autores negros, tais como: Rui Barbosa Trindade, Cuti, Angela Leão, Castro, Oza Nao Kiboko, Bicoi, Hélio José Carlos Lima, Oliveira Silveira, Lurdes, Lepê Correira, poemas de "Consciência Negra" e parte do texto da obra de Quilombos, de Milton Nascimento.

**20 DE NOVEMBRO**

O "Consciência Negra", como diz o próprio nome, era um espetáculo que via-se inspirar através de uma data específica para os negros - 20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra - parte da história de luta encarnada pela vinda de Zumbi de Palmares, da luta pelo seu povo, e de como os negros se organizaram, nos Quilombos, bem como da importância do culto aos elementos da cultura negra, como o maracatu, o adão, a capoeira, o samba e a religião.

Aos 20 dias de ensaio, não durante o desenvolvimento do exercício da arte teatral, discutiram, paralelamente, a

questão racial, o grupo foi tomando consciência dos seus valores e dos problemas que enfrentavam na sociedade brasileira, a ponto de modificar o comportamento individual de algumas pessoas, na medida de virar, no modo de encarar os conflitos etc. No dia 18 de novembro do ano passado, abriu um debate promovido pelo Movimento Negro Unificado - MNU, na Escola São José, com a presença de 150 pessoas e com cobertura da televisão, o Grupo de Teatro Zumbi iniciou publicamente suas atividades. O expositor da noite era o historiador Joel Rufino dos Santos, secretário do Memorial Zumbi, e o tema era Negro enquanto classe enquanto raça. Seguiram-se apresentações no Morro da Conceição (20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra), Colégio Salimato, Centro Luiz Freire, Associação dos Moradores de Camarajibe e Escola de Samba Unidos do Pina.

**AMPLIAÇÃO**

A experiência fora aprovada. Estudam, discutem e ampliam com todos os negros residentes no Grande Recife a questão racial, nas escolas de primeiro e segundo graus, nos centros sociais, escolas de samba e bairros da periferia - onde, segundo o pensamento das lideranças negras, o domínio branco nos meios de comunicação as informações sobre a questão racial e a magnitude não completamente sosegadas - se consolidava com reflexos bem positivos, através da arte dramática. Resolvido-se então dar prioridade a iniciativa para desenvolver um trabalho de divulgação do que seja o Memorial Zumbi e sua luta em prol da conscientização do negro brasileiro.

Os jornalistas Luiz Augusto Moraes e Wanda Chaves, que encabeçavam as iniciativas desse processo, explicam mais alguns detalhes sobre o movimento.

Para consolidar esse trabalho, partiu-se para a criação de um grupo de teatro, considerando que a linguagem teatral tem repercussão das massas positivas junto as pessoas. E foi assim esse propósito, juntamente com o Grupo Artístico, iniciou o movimento. O Grupo Artístico, dirigido por um branco, no primeiro momento, já demonstrava claramente que não teria condições de atuar conjuntamente devido à falta de clareza sobre a questão racial no Brasil. Havia um tom distante entre os propósitos dos negros e as intenções estéticas e formais dos brancos, inicialmente, o Grupo de Trabalho Memorial Zumbi, que mais tarde viria a ser chamado, definitivamente de "Abibiman", como está sendo conhecido, atualmente.

"Abibiman", palavra Swahili, significa povo negro, cujo sentido abrange a totalidade dos africanos (negros) independentemente de qualquer fronteira de Nação ou de particularidades de tribo ou etnia. Agora, o termo serve para denominar o trabalho do Grupo de Trabalho do Memorial Zumbi - Parque Histórico Nacional, que tem como conselheira em Pernambuco, Wanda Chaves.

O Memorial Zumbi Parque Histórico Nacional é uma realização dos desconhecidos de Zumbi dos Palmares, para todo o povo brasileiro. Seus objetivos principais são: 1) celebrar o Estado Negro e Democrático de Palmares que existiu durante 100 anos (1690-1695), tornando-se conhecido de todo o nosso povo; 2) construir um monumento ao local em que ficava a capital do Estado Negro e Democrático de Palmares - Serra da Barriga, Alagoas -

perpetuando na memória do povo brasileiro os grandes acontecimentos que ali ocorreram; 3) tomando a Serra da Barriga, Alagoas, um local permanente de peregrinação e encontro de todos os brasileiros que lutam, sem preconceitos, pela democracia.

Todas as noites, na Casa da Cultura (Palmeiras), Nelson Ferreira, cine e televisão, integrantes do Abibiman, para os ensaios e a conscientização. São eles: Manoel Silva, Paulo Doca, Jari Santana, Carlos Pechá, Nelson Barreto, Maria Grammas, Maria de Lourdes da Silva, Maria do Socorro da Silva, Maria das Dores da Silva, Sônia Maria da Silva, Marlene de Oliveira, Narciso Sacramento, Paulo José da Silva, Maria Lúcia de Melo, José Carlos Vitor, Maria do Carmo Franca, Maria Valéria da Silva, Inopon Santos Diniz, Wanda Chaves, Eduardo Gomes (diretor artístico) e Luiz Augusto (o autor de o conto da Abolição) e quem quiser vir chegando, pois o grupo aumenta cada vez mais.

O Conto da Abolição foi apresentado, esta semana, no Colégio Salimato, na Escola de Il. Gra. José Viveiros, e na Câmara dos Vereadores, e será encenado, no próximo domingo, dia 13, na Quadra de Bateria do Vasco da Gama.

**TEATRO NEGRO**

Nos ensaios mantidos com o pessoal do Abibiman, na Casa da Cultura, durante os ensaios, fica a impressão de que o Conto da Abolição, a exemplo do que já aconteceu em "Consciência Negra", o espetáculo anterior, tem um caráter mais épico, no que existe de narrativo, de descritivo, de monumental e amplo, quer na linguagem cênica que no gestual (como se fora um rito) mas também com elementos de profundo lirismo, flagrado com facilidade nos cânticos, nas interpretações dramáticas, na poética interpretação de uma realidade muito peculiar aos negros, aquela facilidade de "identificação" com as crises do texto e do canto, por causa da vivência de cada um dos atores, que termina repercutido óticamente, o que compensa a falta de maior experiência técnica do conjunto", conforme salienta o encenador Eduardo Gomes.

No elenco, apenas uma atriz branca: Marliwa, que faz uma ponta no espetáculo, caracterizando a princesa Isabel, tal qualidade de coadjuvante não pertence ao grupo. Foi difícil conseguir uma atriz branca que aceitasse fazer uma ponta num espetáculo de negros, infirma Luiz Augusto, o autor do texto. A receptiva não é a mesma em todos os espetáculos de brancos, há sempre uma negra fazendo uma pontinha de apoio, empregada, muito forte para quem ainda duvida da existência da discriminação racial no Brasil, um elemento muito significativo para explicar a própria existência, realidade e objetivo do Abibiman.

**Mais teatro na última página**





Além da preocupação com a linguagem estética da arte dramática, os negros se preocupam em discutir a questão racial, nos ensaios

## Valdi Coutinho

Os negros brasileiros, através de suas tradicionais lideranças, estão utilizando todos os meios ao seu alcance, nos últimos tempos, para estudar, discutir e ampliar a questão racial. Agora, buscam através do teatro outro veículo de fundamental importância nesta luta e neste movimento. Bons resultados já se manifestam bem claramente na realização do primeiro espetáculo, intitulado "Consciência Negra", apresentado em vários locais do Grande Recife, e que resultou, mais recentemente, na criação de um grupo teatral intitulado "Abibiman", que em surrualismo quer dizer "Povo negro", que dá continuidade a este processo, com novo trabalho, "Conto da Abolição", texto de Luiz Augusto, direção de Eduardo Gomes.

"Negros contando sua própria história". Com essa idéia, os meios de comunicação do Estado - televisão, rádio e jornais - divulgavam, em outubro de 1983, um chamamento para negros que quisessem fazer teatro mesmo que não tivessem experiência de palco. O propósito era reunir o maior número de negros possível para que eles pudessem contar sua própria história.

Em 26 de outubro, na Casa da Cultura, iniciou-se o trabalho. Ao todo foram 20 negros inscritos na primeira etapa: domésticas, manicures, manequins, comerciantes, estudantes, funcionários públicos, bibliotecárias, enfermeiras, advogados e desempregados. Na sua maioria, os inscritos desconheciam quem fora Zumbi e o que representava o dia 20 de novembro, o que não caracterizava uma alienação por parte do grupo, mas sim uma falta de acesso às informações. Porém, mesmo assim, todos eram negros conscientes da discriminação que sofriam e da necessidade de trabalhar a ser executado.

O primeiro trabalho foi **Consciência Negra**, um roteiro escrito por Luiz Augusto Moraes e Wanda Chase, que incluía textos e músicas de autores negros, tais como Solano Trindade, Cuti, Ângela Leão Galvão, Oti Nae Kiboko, Bloco Ilê Aiyê, José Carlos Limeira, Oliveira Silveira, Lumumba, Lepê Correia, poetas dos Cadernos Negros e parte do texto da **Casa dos Quilombos**, de Milton Nascimento.

### 20 DE NOVEMBRO

O **Consciência Negra**, como diz o próprio nome, era um espetáculo que visava reagatar através de uma data especial para os negros - 20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra - parte da história da raça escamoteada pela versão oficial. Falava de Zumbi de Palmares, da luta pelo seu povo, e de como os negros organizavam-se nos Quilombos, bem como da importância do culto aos elementos culturais da raça negra, como o maracatu, o afoxé, a capoeira, o samba e a religião.

Após 20 dias de ensaio, onde durante o desenvolvimento do exercício da arte dramática discutia-se, paralelamente, a



questão racial, o grupo foi tomando consciência dos seus valores e dos problemas que enfrentavam na sociedade brasileira, a ponto de modificar o comportamento individual de algumas pessoas, na maneira de vestir, no modo de encarar os conflitos etc. No dia 18 de novembro do ano passado, abrindo um debate promovido pelo Movimento Negro Unificado - MNU, na Escola São José, com a presença de 150 pessoas e com cobertura da televisão, o Grupo de Teatro Zumbi iniciou publicamente suas atividades. O expositor da noite era o historiador Joel Rufino dos Santos, secretário do Memorial Zumbi, e o tema era **Negro enquanto classe enquanto raça**. Seguiram-se apresentações no Morro da Conceição (20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra), Colégio Salesiano, Centro Luiz Freire, Associação dos Moradores de Camarajibe e Escola de Samba Unidos do Pina.

### AMPLIAÇÃO

A experiência fora aprovada. Estudar, discutir e ampliar com todos os negros residentes no Grande Recife a questão racial, nas escolas de primeiro e segundo graus, nos centros sociais, escolas de samba e bairros da periferia - onde, segundo o pensamento das lideranças negras, o domínio branco nos meios de comunicação as informações sobre a questão racial e negritude são completamente sonegadas - se consolidava com reflexos bem positivos, através da arte dramática. Resolveu-se então dar prioridade à iniciativa para desenvolver um trabalho de divulgação do que seja o Memorial Zumbi e sua luta em prol da conscientização do negro brasileiro.

Os jornalistas Luiz Augusto Moraes e Wanda Chase, que encabeçavam as iniciativas desse processo, explicam mais alguns detalhes sobre o movimento:

- Para consolidar esse trabalho, partiu-se para a criação de um grupo de

teatro, considerando que a linguagem teatral tem repercussão das mais positivas junto às pessoas. E foi com esse propósito que, juntamente com o Grupo Arteatro, iniciamos o movimento. O Grupo Arteatro, dirigido por um branco, no primeiro encontro já demonstrou claramente que não teria condições de atuar conjuntamente devido à falta de clareza sobre a questão racial no Brasil. Havia um tom destoante entre os propósitos dos negros e as intenções estéticas e formais dos responsáveis pelo Arteatro, daí porque assumimos, inicialmente, o Grupo de Trabalho Memorial Zumbi, que mais tarde viria a ser chamado, definitivamente de "Abibiman", como está sendo conhecido, atualmente.

"Abibiman", palavra Swahili, significa povo negro, cujo sentido abrange a

totalidade dos africanos (negros), independente de qualquer fronteira de Nação ou de particularidades de tribo ou etnia. Agora, o termo serve para denominar o trabalho do Grupo de Trabalho do Memorial Zumbi - Parque Histórico Nacional, que tem como conselheira em Pernambuco, Wanda Chase.

O Memorial Zumbi Parque Histórico Nacional é uma realização dos descendentes de Zumbi dos Palmares, para todo o povo brasileiro. Seus objetivos principais são: 1) celebrar o Estado Negro e Democrático de Palmares que existiu durante 100 anos (1590-1695), tornando-se conhecido de todo o nosso povo; 2) construir um monumento no local em que ficava a capital do Estado Negro e Democrático de Palmares - Serra da Barriga, Alagoas -

perpetuando na memória do povo brasileiro os grandes acontecimentos que ali se deram; 3) tornando a Serra da Barriga, Alagoas, um local permanente de peregrinação e encontro de todos os brasileiros que lutam, sem preconceitos, pela democracia.

Todas as noites, na Casa da Cultura (Palco Nelson Ferreira), eles se reúnem, os integrantes do Abibiman, para os ensaios e a convivência. São eles: Manoel Cândido Neto, Sidney Gomes, Julia da Silva, Paulo Doca, Jaci Santana, Carlos Penha, Nelson Bartolomeu, Márcia Guimarães, Maria de Lurdes da Silva, Maria do Socorro da Silva, Maria das Dores da Silva, Sônia Maria da Silva, Maurion de Oliveira, Narciso Sacramento, Paulo José da Silva, Maria Lúcia de Melo, Jordson Victor, Maria do Carmo França, Maria Valéria da Silva, Irapoan Santos Diniz, Wanda Chase, Eduardo Gomes (o diretor artístico) e Luiz Augusto (o autor de o **conto da Abolição**) e quem quiser vir chegando, pois o grupo aumenta cada vez mais.

O Conto da Abolição foi apresentado, esta semana, no Colégio Salesiano, na Escola de 1º Grau José Alvarenga, e na Câmara dos Vereadores, e será encenado, no próximo domingo, dia 13, na Quadra de Esportes do Vasco da Gama.

### TEATRO NEGRO

Nos contatos mantidos com o pessoal do Abibiman, na Casa da Cultura, durante os ensaios, fica a impressão de que o Conto da Abolição, a exemplo do que já



## TEATRO NEGRO

Nos contatos mantidos com o pessoal do Abibiman, na Casa da Cultura, durante os ensaios, fica a impressão de que o Conto da Abolição, a exemplo do que já acontecera em **Consciência Negro**, o espetáculo anterior, tem um caráter meio épico, no que existe de narrativo, de descritivo, de monumental e amplo, quer na linguagem cênica quer no gestual (como se fora um rito) mas também com elementos de profundo lirismo, flagrado com facilidade nos cânticos, nas interpretações dramáticas, na própria interpretação de uma realidade muito peculiar aos negros, aquela facilidade de "identificação com as coisas do texto e do canto, por causa da vivência de cada um dos atores, que termina repercutindo cênicamente, o que compensa a falta de maior experiência técnica do conjunto", conforme salienta o encenador Eduardo Gomes.

No elenco, apenas uma atriz branca: Marlowa, que faz uma ponta no espetáculo, caracterizando a princesa Isabel, na qualidade de convidada pois não pertence ao grupo. Foi difícil conseguir uma atriz branca que aceitasse fazer uma ponta num espetáculo de negros, informa Luiz Augusto, o autor do texto. A recíproca não é a mesma: em todos os espetáculos de brancos, há sempre uma negra fazendo uma pontinha de copeira, empregada, prostituta ou marginal. Um argumento muito forte para quem ainda duvida da existência da discriminação racial no Brasil, um elemento muito significativo para explicar a própria existência, realidade e objetivo do Abibiman.

Diário de Pernambuco 12/05/1984: Teatro equipe promove auto em comemoração ao 13 de maio, p. a3.

## *Teatro Equipe promove auto em comemoração ao 13 de Maio*

Entre as solenidades comemorativas do 13 de Maio, consta o ato que o Centro de Cultura e Estudos da Raça Negra - Cecerne - fará em Suape, simbolizando o tombamento de um baobá - árvore símbolo da África - encontrado no perímetro do Complexo Industrial Portuário e mandado preservar pelo diretor presidente Eliezer Menezes. Em torno da árvore, o "Teatro de Equipe do Recife" encenará o auto do jornalista e etnólogo Paulo Viana "Banzo - A Dor que Mata o Negro".

"O tombamento de uma árvore, mesmo sendo uma árvore-símbolo de uma Nação que forneceu a força do braço e a inteligência de seu povo para forjar o caráter brasileiro, revela a sensi-

bilidade cultural de um técnico que, voltado para transformação de um território em estradas, ferrovias, indústrias, modifica traçados de engenharia para proteger um único exemplar." - disse o jornalista Paulo Viana.

### **PROGRAMA**

Atendendo solicitação do Cecerne, o diretor-presidente de Suape, Eliezer Menezes, cedeu ônibus da Empresa para conduzir os integrantes do teatro e diretores da associação que farão, depois da encenação, visita às obras do complexo e irão ao Engenho Massangana, onde passou parte de sua infância o abolicionista Joaquim Nabuco para outras solenidades.

No Engenho Massangana, além da casa grande,

os integrantes do Cecerne conhecerão uma autêntica senzala. Na oportunidade, encerrando os pronunciamentos que serão feitos em exaltação à memória dos abolicionistas, será apresentado um jornal fundado no texto de Silvio Ferreira: "Evocações da Senzala".

Como parte culminante do ato, o presidente do Cecerne, jornalista Paulo Viana, fará a exaltação da "Mãe Preta", procedendo ao lançamento da campanha em prol da ereção de um monumento votivo à negra que embalou e amamentou a geração branca dos séculos passados, dívida que a sociedade pernambucana tem a saldar para com a raça negra, e que agora passará a ser cobrada.



## Corte real de Zumbi

A TVU apresenta, hoje às 18 horas, o espetáculo **Corte Real de Zumbi** com os componentes do Balé Primitivo de Arte Negra de Pernambuco. Dirigido pelos professores Ubiracy Ferreira e Zumbi Bahia, que tomam como base de seus trabalhos, coreografias afro-brasileiras onde as culturas do Zaire, Angola e Nigéria marcam presença em nossa região, o espetáculo narra a epopéia de uma criança, neta de Aqualtune, que ao nascer encontra o quilombo em guerra com os portugueses. Com o nome de Zumbi (Deus da Guerra) a criança nas rezas das pretas velhas será um homem forte, destinado a salvar os quilombos. O desenrolar do nascimento, vida e morte de Zumbi é mostrado ainda com dan-

ças, cantos e versos de poetas negros.

O Balé Primitivo de Arte Negra nasceu em uma comunidade no Recife e Olinda, no bairro de Sítio Novo, no final de 1979. Com 12 elementos apenas, o grupo recebeu o nome de "Zumbi Bahia" e limitava-se a fazer apenas apresentações de capoeira. Quando de sua fusão com o grupo de Teatro Experimental do Negro do Recife, foram acrescentados poemas de Solano Trindade aos de Vilmar Alves, que já fazia parte do espetáculo **Ânsia de Liberdade**, mais as coreografias de maracatu, frevo, pregões, dando assim um cronograma da história do negro, documentando desde a sua vida na África, em contato com seu **habitat** até os dias atuais, no Brasil.



Balé Primitivo de Arte Negra, atração de hoje, no 11

## *Poesia, frevo e xangô são temas dos novos fascículos da STCE*

A poesia de Ascenso Ferreira, o frevo, o maracatu, o xangô e a coleção de objetos afro-brasileiros são os temas dos seis novos fascículos editados pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/Fundarpe/ Conselho Estadual de Cultura. Estas publicações fazem parte da coleção **Patrimônio Cultural**, que divulga aspectos da cultura pernambucana junto a pesquisadores e estudantes.

O poeta César Leal analisa a obra de Ascenso Ferreira, um modernista que participou do movimento de 1922, com seus poemas que bem retratam a cultura popular pernambucana. O pesquisador Raul Lody trata da religião afro-brasileira, estudando o Terreiro Obá Ogunté, e os rituais do Maracatu. Leonardo Dantas Silva escreveu o roteiro dos dois fascículos, um sobre frevo e o outro sobre o Xangô. A coleção **Objetos Afro-Brasileiros** que fazem parte do acervo do Museu do Estado é mostrada na publi-

cação de número 18 dessa série.

### **COLEÇÃO**

A coleção foi iniciada com um fascículo sobre preservação de bens culturais e a legislação sobre o assunto. Seguiram-se outros sobre alguns monumentos de valor histórico, como as Igrejas de Nossa Senhora da Graça, em Olinda, e a do Divino Espírito Santo, no Recife, a Casa da Cultura, a Matriz de Santo Antônio, o Ginásio Pernambucano, a Torre do Zeppelin e o sobrado Grande da Madalena.

O político, jornalista e escritor Joaquim Nabuco foi, também, estudado em um dos fascículos dessa série, que é distribuída em escolas, museus e entidades culturais em geral, servindo como material de consulta de fácil manuseio. Cerca de quatro mil exemplares de cada uma dessas publicações são distribuídas em instituições de Pernambuco e de outros Estados.

## TEATRO

VALDI COUTINHO

### *Rebeldia e dança*

O titulo do novo show musical de Ivano, marcado para os dias 25 e 26 (sexta e sábado), às 20h30m, no Teatro do Forte, não poderia ser melhor: "Rebeldia e dança". Não sabemos se foi intencional, porém retrata muito bem o comportamento artístico e o momento desse jovem talento da música popular brasileira, que é rebelde enquanto insiste, com perseverança e disposição, para conquistar o prestígio e a popularidade há muito tempo merecidos, pois já comprovou o seu valor artístico, e "dança" no que reflete de movimentação rítmica o trabalho de composição/interpretação musical.

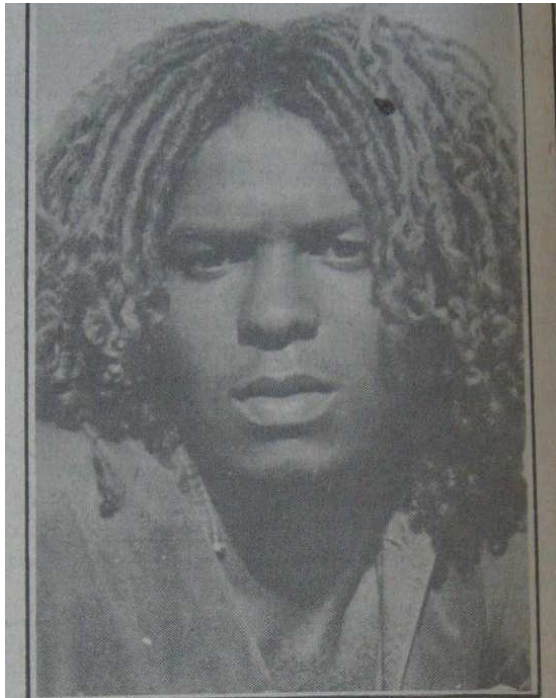
"Rebeldia" também porque é mais uma manifestação do artista Ivano contra a repressão, a falta de liberdade de expressão e a discriminação racial que ainda (e como...) atuam no nosso dia-a-dia. "Dança" ainda porque Ivano não se contenta em utilizar só a voz para levar o seu canto ao público, mas utiliza outros caracteres culturais da raça negra - a dança, o grito, o gestual, o ritual, o lirismo - para expressão da poesia e música.

Ivano vem de muitas lutas, com significativas vitórias: vários shows individuais, participação em movimentos coletivos de arte musical, terceiro lugar com "Assumindo a cor" no X Festival Radier, presença marcante no Festival da Fundarpe, e algumas premiações anteriores. Talento Ivano tem, capacidade de realização também, e só falta agora, com "Rebeldia e Dança" conquistar definitivamente o seu espaço no mercado discográfico e um público nacional. O espetáculo de Ivano conta com o apoio da Fundarpe, órgão da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo do Estado. Por falar nisso, é formidável o apoio que Roberto Pereira, presidente da Fundarpe, vem dando aos jovens valores artístico de Pernambuco.

Paralelamente ao show "Rebeldia e Dança" está programada uma mostra de Cultura Negra, com Jacqueline Cruz (pandeiro e voz) e Cabelo Enrolado (berimbau). A ficha técnica do espetáculo é a seguinte: Júnior - violão base; Wallace - bateria; Isaias - contrabaixo; Bria - guitarra; Valdinho - tumbadoras e efeitos especiais; Marcos - agôgô e flauta; Ivan - sax; Wilson e Roberto - trompetes; Edvandro - trombone de vara e Ivano - ginga e voz; participações especiais de Alexandre Paiva, Sande Poeta e o bamba Valdir.



Ivano conquistando o lugar ao sol que merece



O cantor Ívano apresenta-se hoje no Teatro do Forte

## No Forte, a rebeldia e a dança de Ívano

Uma boa opção para hoje é o espetáculo musical **Rebeldia e Dança** com o cantor Ívano, que acontecerá às 20:30 horas, no Teatro do Forte.

É o próprio artista que fala sobre o show: "**Rebeldia e Dança** é onde me rebelo em canto e dança contra discriminações, repressões e falta de liberdade de expressão que sofre o artista, principalmente quando ele joga no ar uma nova estética e comportamento social. No palco me sinto seguro e com plena certeza de poder apelar para que vivamos uma boa existência, sem aflicção, sem medo e com total confiança no próximo. Pois nosso dia-a-dia, como afirmo numa das músicas que canto, estamos "afritos, atônitos e invejosos, em crises existenciais, com medo de sair às ruas, andando, olhando para trás".

Participam também do show, os músicos Junior (violão base), Wallace (bateria), Isaias (contrabaixo), Bria (guitarra), Valdinho (tumbadora e efeitos especiais), Marcos (agôgo, flauta), Ivan (sax), Wilson e Roberto (trompetes), Evandro (trompete de vara), assim como as participações especiais de Alexandre Paiva, Sande Poeta e Valdir.

E paralelamente ao musical, está programada uma mostra de Cultura Negra, com Jacqueline Cruz (pandeiro e voz) e Cabelo Enrolado (berimbau).

### ENCONTRO

Outra sugestão é o Encontro Pernambucano de Sanfoneiros, reunindo os nomes mais famosos do canção regional, numa promoção da Fundação de Cultura Cidade do Recife, a ter lugar no Pátio de São Pedro. Hoje o Encontro contará com a participação especial da Banda da Cidade do Recife, sob a regência do maestro Ademir Araújo, além de um show a cargo de Nourzinho do Xaxado e Cremilda e sua gente e um concurso de forró. INES CUNHA